

AGORA É COM O CLUBE DE PARIS

Após o acordo com o FMI e os bancos credores, o ministro Maílson da Nóbrega, que retorna amanhã do Japão, vai agora à Europa tentar um novo acordo. Por Reali Júnior, de Paris.

O ministro Maílson da Nóbrega vai chegar à Europa na semana que vem para negociações com os governos credores membros do Clube de Paris com o terreno devidamente aplainado pelo próprio diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus. Ele passou por Paris com o objetivo de dar um recado à comunidade financeira internacional: o FMI não mais pretende exigir dos países endividados ajustamentos econômicos que comprometam demasiadamente suas taxas de crescimento ou acentuem seus problemas sociais.

O ex-presidente do Clube de Paris e ex-governador do Banco da França explicou longamente que, a partir de agora, os ajustamentos econômicos solicitados pelo Fundo devem ser compatíveis com os esforços dos países para manter um certo crescimento econômico e seus programas sociais de luta contra a pobreza. Ele admite que à medida que o FMI ganha experiência, deve também reconsiderar sua própria doutrina de ajustamentos, deixando de ser conhecido como "o gendarme das finanças internacionais", tendo afirmado: "Atualmente nos esforçamos para conciliar estas políticas de ajustamento e as políticas de combate ao empobrecimento".

Nunca o FMI demonstrou qualquer preocupação com os aspectos sociais da dívida, procurando sempre impor medidas ortodoxas que só contribuíram para agravá-los ainda mais. Sua preocupação principal era socorrer as economias em dificuldades, mas tendo como objetivo criar condições para que os países pudessem continuar honrando seus compromissos internacionais. Agora, constata-se uma importante mudança de comportamento e de estratégia. O discurso desenvolvido pelo FMI lembra o de alguns ministros de finanças latino-americanos atuais, e de outros ex-ministros brasileiros. Esse discurso pode ser identificado também junto ao atual presidente da França, François Mitterrand.

Não há dúvidas de que Michel Camdessus, em nome do FMI, adota um novo tom, mesmo se a problemática continua sendo a mesma. Aqui, em Paris, o diretor-geral do FMI anunciou, entre outras coisas, que novos instrumentos estão enriquecendo a bateria do Fundo, citando as chamadas "facilidades para imprevistos". Segundo ele, os acordos de médio e longo prazos podem sofrer abalos após alguns meses, provocados por uma brutal queda dos preços de matérias-primas ou pela alta das taxas de juros. Assim sendo, o FMI pensa assumir uma parte do financiamento necessário para superar eventuais choques. Esse mecanismo deverá ser discutido e detalhado já na reunião de Berlim, no mês de setembro.

Mas, se o Fundo Monetário Internacional procura, pouco a pouco, impor sua nova estratégia, buscando reformular sua imagem fortemente deteriorada por sucessivas campanhas negativas nos países endividados, outros indícios não acompanham os esforços desse novo "bom samaritano". Com exceção da França, que pretende aumentar a ajuda pública ao desenvolvimento, no conjunto dos países industrializados essa ajuda caiu no ano passado. Segundo ainda Michel Camdessus, esforços devem ser renovados para que a taxa de ajuda ao desenvolvimento volte a crescer o mais rapidamente possível. A França já prometeu que vai cumprir seu objetivo, mas outros países não assumiram, ainda, nenhum compromisso nesse sentido.

